

30 SET 1996

Para Ipea, a dívida ainda pode crescer

GAZETA MERCANTIL

por Vera Saavedra Durão
do Rio

“O País não corre o risco de ter um descontrole nas contas públicas nos próximos anos”, afirma o presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Fernando Rezende. Porém, ele reconhece que no ano passado o desequilíbrio do déficit foi “forte” e admite que neste ano também o será.

“O governo está buscando uma saída para o problema. Prova disso é que, pela primeira vez, o salário do funcionalismo foi congelado”, argumenta. Rezende lembra que o País está entrando em uma rota de crescimento, iniciada no segundo semestre, “o que certamente terá um efeito positivo sobre a arrecadação de impostos”.

Para o Ipea, a dívida pública – considerada por vários analistas econômicos como um dos fatores de agravamento da situação das contas oficiais – ainda tem espaço para crescer. Um nível de 35% do Produto Interno Bruto (PIB), ou US\$ 224 bilhões, ainda é “aceitável” para a economia brasileira. Atualmente, ela está em 31,5% do PIB (US\$ 201,6 bilhões), sem incluir a base monetária. Se incluir essa rubrica, a dívida chega a 34% do PIB (US\$ 217,6 bilhões). Os cálculos são de Paulo Levy, economista do Ipea, e estão publicados no editorial de sua Carta de Conjuntura de setembro, a ser divulgada hoje.

Levy considera difícil a economia suportar uma dívida acima de 35% do PIB. Esse percentual não será ultrapassado, segundo o economista, se o governo fizer um esforço fiscal de manter um superávit primário de suas contas em 1,8% do PIB (US\$ 11,52 bilhões), aliado a uma taxa de juro de 12% ao ano. A avaliação do Ipea inclui a previsão de faturamento anual com as privatizações da ordem de 0,5% do PIB para amortizar a dívida.